



**Universidade Católica do Salvador**  
**Bacharelado em Teologia**

**LEANDRO JORGE ROCHA SANTOS**

**A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES DA IGREJA:  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ORIENTAÇÕES PRÁTICAS.**

Salvador - BA  
2024

**LEANDRO JORGE ROCHA SANTOS**

**A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES DA IGREJA:  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ORIENTAÇÕES PRÁTICAS.**

Monografia apresentada à Universidade Católica do Salvador  
como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Jairo de Jesus Menezes

Salvador - BA

2024

## **RESUMO**

Este trabalho acadêmico, em nível de conclusão de curso, tem como tema: A formação de catequistas a partir das orientações da igreja: fundamentação teórica e orientações práticas. O objetivo é investigar como a Igreja orienta a formação de catequistas, analisando principalmente os documentos produzidos pelo Magistério da Igreja. Será feito a construção de um conceito de catequista para poder entender a importância do seu papel na missão evangelizadora da Igreja. Neste propósito, também é lançado um olhar histórico sobre alguns períodos para conhecer os desafios enfrentados ao longo do tempo e assim, poder refletir sobre as dificuldades atuais. Compreendendo então, a função e importância do catequista e quais devem ser as suas habilidades e competências, serão apresentadas orientações para estabelecer critérios em um processo de eleição de pessoas para desenvolver este ministério e como estruturar a sua formação, que deve ser contínua.

**Palavra-chave:** Catequese; formação; eleição de catequista; ministério do catequista.

## **ABSTRACT**

This academic work, at the conclusion of the course level, has as its theme: The formation of catechists based on Church guidelines: theoretical foundation and practical orientations. The objective is to investigate how the Church guides the formation of catechists, primarily analyzing documents produced by the Church's Magisterium. A concept of catechist will be constructed to understand the importance of their role in the Church's evangelizing mission. In this endeavor, a historical perspective on certain periods will also be explored to understand the challenges faced over time, thereby reflecting on current difficulties. By understanding the role and importance of the catechist, as well as the necessary skills and competencies, guidelines will be presented for establishing criteria in the selection process of individuals to carry out this ministry, and how to structure their formation, which should be continuous.

**Keywords:** Catechesis; formation; election of catechist; catechist ministry.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	<i>Antiquum Ministerium</i> – Pp. Francisc, 2021.
CR	Catequese Renovada – CNBB Doc 26, 2004.
DGC	Diretório Geral para a Catequese – Congregação para o Clero, 1997.
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho.
CT	<i>Catechesi Tradendae</i> – Pp. João Paulo II, 1979.
CIC	Catecismo da Igreja Católica, 1992.
MC	Manual de Catequética – CELAM, 2008.
GS	<i>Gaudium Et Spes</i> – Pp. Paulo VI, 1965.
AG	<i>Ad Gentes</i> – Pp. Paulo VI, 1965.
DC	Diretório para a Catequese – Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 2020.
DNC	Diretório Nacional de Catequese – CNBB Doc 84, 2011.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
1 UM CONCEITO DE CATEQUESE .....	10
2 UM OLHAR HISTÓRICO DA CATEQUESE .....	12
2.1 Na Igreja Primitiva .....	12
2.2 Igreja pós-Apostólica .....	14
2.3 A Catequese na Idade Média .....	15
2.4 A Idade Moderna e a Igreja no Novo Mundo .....	17
2.5 A catequese a partir do Concílio Vaticano II .....	19
2.6 Aprendizagem com o passado .....	22
3 CRITÉRIOS PARA A ELEIÇÃO DOS CATEQUISTAS .....	24
4 ORIENTAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA .....	32
5 CONCLUSÃO .....	37
REFERÊNCIAS .....	41

## INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico, em nível de conclusão de curso, abordará o tema da formação de catequistas, tendo como referências as orientações da Igreja presente em alguns dos seus documentos, e se tentará construir uma fundamentação teórica sobre o papel do catequista e descobrir as orientações práticas para se realizar a sua formação.

O Magistério da Igreja tem apontado que é necessário realizar uma nova evangelização, não apenas para novos povos, mas principalmente para aqueles que já estão dentro da Igreja. O mesmo Magistério que aponta o desafio presente, também reconhece que a catequese é um dos caminhos para a nova evangelização. Por isso, se faz necessário criar condições para a realização de uma catequese que seja capaz de acolher e formar novos cristãos no mundo atual. Dadas essas considerações, o objetivo desta pesquisa é investigar as orientações da Igreja para a eleição e formação de catequistas.

Nas últimas décadas a Igreja Universal e Local produziu vários documentos exortando a importância da catequese e da formação de seus agentes. Porém uma árvore não pode apenas produzir folhas, é necessário produzir frutos. Portanto, se faz necessário que todo esse esforço do Magistério se transforme em ação concreta no meio das comunidades, e isso só será possível se houver um esforço e dedicação na eleição e formação dos catequistas.

Em 1983, no Haiti, o Papa São João Paulo II disse aos bispos da América Latina: "há necessidade de um maior compromisso com uma Nova Evangelização, nova em ardor, método e expressão". Neste mesmo ano, a 21ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil aprova o Documento da CNBB nº 26 "Catequese Renovada, orientações e conteúdo". E, como relata em sua introdução, este documento quer ser uma resposta aos apelos do Papa João Paulo II, feito na sua visita ao Brasil (1980), quando disse: "A Catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da catequese uma prioridade".<sup>1</sup>

Não obstante, é preciso lembrar dos desafios do mundo contemporâneo. Não é possível pensar em uma renovação da catequese que possa dialogar e evangelizar o homem contemporâneo, sem pensar na pessoa do catequista.

E como fruto destes anseios e reconhecendo a importância da função do catequista, mais recentemente, em 2021 o Papa Francisco instituiu oficialmente o ministério de catequista através do motu próprio *Antiquum Ministerium*, dando a este um lugar orgânico na estrutura da

---

<sup>1</sup> Discurso do Encontro com os Bispos em Fortaleza no dia 10 de julho de 1980.

Igreja, acentuando a função do leigo na evangelização. Compreendemos que o catequista tem o papel de instruir na fé e na prática da caridade e que, a partir do *Antiquum Ministerium*, irá exercer um ministério.

Vislumbrando estas questões, e tendo em vista o objetivo proposto, traçou-se um percurso: estabelecer um conceito de catequese; lançar um olhar histórico sobre o desenvolvimento da catequese em períodos da Igreja, descobrindo os desafios e ações de cada tempo; entendendo os desafios do passado, investigar as orientações da igreja sobre a eleição das pessoas para desempenhar a função de catequista; conhecendo os problemas presentes, elencar as orientações práticas para a estruturação de uma formação para catequistas.

Os catequistas, em unidade com o clero, têm grande importância na missão evangelizadora da Igreja, são aqueles que muitas vezes tornam possível os desejos e aspirações de uma nova evangelização. Sem dúvidas, são os catequistas que cotidianamente e de forma mais próxima, lidam com as dificuldades, conflitos, transformações e anseios do homem contemporâneo, e eles precisam estar preparados para realizar essa missão.

Todos sabem que está não é uma tarefa fácil. Mas o Senhor nos adverte: “Meu povo perece por falta de conhecimento” (Os 4,6). Tendo em vista todas estas coisas, podemos dizer que tal como é urgente uma catequese renovada também se faz urgente pensar a preparação dos catequistas. O Santo Papa João Paulo II por diversas vezes nos exortava que se fazia necessário evangelizar os católicos, é necessário criar um processo catequético que possa transmitir a fé e formar cristãos católicos que muitas vezes já estão dentro das igrejas. A Igreja local, através da CNBB, nos diz que “O desafio da Igreja é a evangelização do mundo de hoje, mesmo em territórios onde a igreja já se encontra implantada há mais tempo” (CNBB 84, n.29). Mas, para que isso possa ser uma realidade se faz necessário compreender o papel daqueles que pastoralmente tem a função de cumprir essa missão. Assim o documento 84 da CNBB define que “o catequista é um autêntico profeta, pois pronuncia a palavra de Deus, na força do Espírito Santo. Fiel à pedagogia divina, a catequese ilumina e revela o sentido da vida” (n.39). Por vezes nas comunidades não se compreende a importância do catequista na missão de evangelizar, apesar de ser ressaltado em diversos documentos da Igreja. Na atualidade se faz necessário o reconhecimento da função pastoral do catequista, não apenas como um realizador de aulas, ou animador de encontros, mas um construtor de comunidades, um formador de cristãos.

Tal necessidade se torna ainda mais pujante após o documento *Antiquum Ministerium*, onde o Papa Francisco condiciona que para o exercício deste ministério as pessoas recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica. A Igreja do Brasil através dos documentos da CNBB 26, 84 e 107, também reconhece a necessidade de estabelecer um processo formativo

para os catequistas. Assim se faz urgente realizar processos e preparações para aqueles que desejam exercer este ministério, e também para aqueles que já o desempenham. Está preocupação atual da Igreja local é também citada no Estudo emitido pela CNBB que nos diz: “Diante da visibilidade, da estabilidade e da importância do Ministério agora instituído, será imprescindível uma formação sólida”.<sup>2</sup>

Para fazer o caminho desse trabalho, no presente estudo foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica tendo como tipo de pesquisa a técnica qualitativa exploratória onde foram analisadas fontes secundárias em vista de colher as informações e respostas relativos à problematização apresentada neste estudo. Isto posto, este trabalho foi alicerçado na busca dos conceitos, informações, orientações e determinações da Igreja Universal e Local através dos documentos produzidos pelo seu Magistério.

Assim, tendo essas referências, o propósito na utilização deste método é tentar responder as indagações contidas nesta pesquisa científica. Com isto, este trabalho foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo se buscou construir um conceito de catequese. Para poder modificar a ideia comum de que catequese é apenas um encontro com crianças para “fazer” a primeira comunhão ou de jovens que irão “se crismar”, uma concepção de que catequese é apenas uma coisa feita para receber um sacramento. Então, com base nos seus documentos iremos entender que a Igreja tem um conceito de catequese como um processo de educação na fé.

Já no segundo capítulo, para compreendermos como se desenvolveu o conceito de catequese e o seu papel ao longo dos tempos. Por não se tratar de uma pesquisa histórica, mas sim de um olhar histórico para identificar os desafios de cada tempo, foram selecionados cinco períodos: A Igreja Primitiva; Igreja pós-apostólica; A Idade Média; Idade Moderna e a Igreja no Novo Mundo; Pós Concílio Vaticano II. Neste capítulo poderemos conhecer os problemas vivenciados, aprender como podem ser entrados e refletir sobre os desafios atuais para a construção de uma catequese querigmática e formadora de comunidades.

Tendo construído um conceito de catequese e aprendido o seu desenvolvimento nos períodos da Igreja, no terceiro capítulo será avaliado que para a realização de uma renovação catequética se faz necessário ter homens e mulheres que possam desempenhar esse ministério. Com este propósito e tendo como base os estudos dos documentos da Igreja, serão elencadas as habilidades e competências que uma pessoa devem ter para exercer o ministério de catequista.

---

<sup>2</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Brasília, CNBB, 2021, p17.

E como não somos escolhidos por estarmos prontos, mas, é o Espírito que nos forma e configura a Cristo pela graça, poderão ser elaboradas orientações práticas para a formação destes ministros, uma formação bíblica, doutrinal, didática, e na dimensão humana, pois é necessária uma formação global e integral. Não se pretender criar processos enrijecidos ou excludentes, mas propor caminhos que ajudem as pessoas a exercerem bem a vocação de catequista, este que não é um chamado para uma tarefa fácil, visto os grandes desafios dos tempos presentes. Porém, pela graça de Deus grandes coisas podem ser realizadas.

Para então complementar o ponto anteriormente, no quinto capítulo será estudado a necessidade da formação do catequista e apontadas algumas orientações práticas para a sua estruturação. Pois se faz necessário ao mesmo tempo, compreender que nesse processo formativo não se pode apenas querer desenvolver as habilidades didáticas e metodológicas do catequista, mas igualmente considerar o desenvolvimento de sua maturidade humana, alargar o seu comprometimento com a transformação do mundo. Deve ser realizada uma formação global e integral. Principalmente nos tempos presentes de uma sociedade com crises familiares, de crescente individualismo e materialismo, solidão e depressão. O catequista precisa ser uma figura acolhedora, entusiasta e conselheira.

Para ratificar a importância deste estudo em relação necessidade de se compreender a importância do catequista e a urgência em se estabelecer nas Igreja Locais critérios para a sua eleição e preparação, citamos a seguir dois documentos.

O documento Catequese Renovada que define bem este papel:

Como bom comunicador, o catequista não fala sozinho. Ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade. O catequista dedica-se de modo específico ao serviço da Palavra, tornando-se porta-voz da experiência cristã de toda a comunidade. O catequista é, de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos. Ele lê e ensina a ler os sinais da fé, entre os quais o principal é a própria Igreja (DGC 35). Desenvolve um verdadeiro ministério, um serviço à comunidade cristã, sustentado por um especial carisma do Espírito de Deus. (CR 145)

E o convite do Papa Francisco, na *Antiquum Ministerium*, às Conferências Episcopais:

Convido, pois, as Conferências Episcopais a tornarem realidade o ministério de Catequista, estabelecendo o *iter* formativo necessário e os critérios normativos para o acesso ao mesmo, encontrando as formas mais coerentes para o serviço que estas pessoas serão chamadas a desempenhar em conformidade com tudo o que foi expresso por esta Carta Apostólica (AM 9).

## 1 UM CONCEITO DE CATEQUESE

Nos últimos séculos, quase a totalidade dos católicos passaram por algum processo de catequese. Este é o passo de introdução dos católicos na vida dos sacramentos. Porém, algo tão importante, por vezes, tem sido negligenciado ou não compreendido bem o seu papel na vida das paróquias e da Igreja, não se compreendendo a profundidade do seu significado e valor.

É oportuno, neste início, tentar ter um conceito de “Catequese”.

Por vezes, ao falarmos de catequese, nos vem à memória uma ideia de ser um encontro com várias crianças que irão receber a primeira comunhão ou de jovens que irão receber a crisma, uma concepção de que catequese é apenas uma coisa feita para receber um sacramento. No próximo capítulo, veremos o porquê desta ideia existir no imaginário popular. Assim a referência que se tem de catequese em relação a um compromisso de vida se limita a estar presente em uma sala por uma ou duas horas, uma vez por semana, e no final de alguns meses toda a família vai à igreja para o catequizando receber o sacramento. E para muitos, neste momento se encerra a catequese.

Para se entender o propósito deste trabalho, primeiro, se faz necessário mudar este conceito de catequese, ou ao menos compreender o seu desenvolvimento ao longo do tempo, e saber como devemos pensar a catequese nos dias de hoje, sob a instrução da Igreja.

Estabelecer um conceito se faz necessário pois, a concepção que se tem da catequese condiciona profundamente a seleção e a organização dos seus conteúdos cognitivos, experienciais e comportamentais, analisa os seus destinatários e define a pedagogia que se exige para alcançar os seus objetivos.

No Novo Testamento, o termo Catequese significa dar uma instrução a respeito da fé. Em sua origem, o termo se liga a um verbo que significa “fazer ecoar” (Kat-ekhéō). A Catequese, de fato, tem por objetivo último fazer escutar e repercutir a Palavra de Deus. (CNBB Doc 26, p. 31, 2004)

No decorrer dos períodos da história da Igreja, como indica o documento Manual de Catequética do CELAM, o termo catequese trouxe distintos significados: No século II, Clemente Romano utilizava para indicar o processo de instrução fundamental dada aos candidatos ao Batismo. No princípio do século III, início do catecumenato, o termo se referia a pregação dirigida aos catecúmenos. Na época medieval, entre os séculos VI e XV desaparece a forma catequese, sendo introduzidos os termos catequizar e catecismo. Este último, diferente da atualidade, não se refere ao livro de instrução, mas sim ao processo catequético. No período moderno, entre os séculos XVI e XVIII, cresce o número de catecismos, livros doutrinários

usados para a instrução na fé, e a ação catequizadora adquire uma visão intelectualista, onde a catequese é identificada como o ensino da doutrina cristã. No princípio do século XX, por força do movimento catequético, reaparece o termo catequese com acentuação metodológica e querigmática.

A partir do Vaticano II, a Igreja apresentou vários documentos dedicados à catequese. Seguindo este caminho de resgate do querigma catequético, a Igreja do Brasil também desenvolveu documentos com exortações e orientações para a catequese.

A Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* no seu primeiro parágrafo nos esclarece que a Igreja sempre considerou a catequese como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo antes de voltar para o Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: fazer discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo aquilo que lhes tinha mandado (Mt 28,19). Deste modo, Cristo confiou à Igreja a missão e o poder de anunciar aos homens aquilo que eles próprios tinham ouvido do Verbo da Vida, visto com os seus olhos, contemplado e tocado com as suas mãos (I Jo 1,1). Ao mesmo tempo, confiava-lhes a missão e o poder de explicar com autoridade aquilo que Ele lhes tinha ensinado, as suas palavras, as suas ações, os seus sinais e os seus mandamentos. E deu o Espírito Santo, para realizar tal missão. E nos apresenta um conceito:

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias. (CT, n. 1)

O Catecismo da Igreja Católica nos também dá uma definição dizendo que:

A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã” (CIC, n. 5).

Aprofundando este conceito de catequese, o Documento 26 da CNBB, Catequese Renovada, salienta em dois parágrafos:

A Catequese é um processo dinâmico e abrangente de educação da fé, um itinerário, e não apenas uma instrução. Na Igreja primitiva, já encontramos essa concepção de Catequese no catecumenato, onde o ensino da Doutrina dos Apóstolos está unido a uma vivência comunitária, à liturgia e a uma prolongada iniciação à vida cristã em diversas etapas. (CR, n. 281)

Reafirmamos que a Catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé. Sua finalidade é a maturidade da Fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna feliz. (CR, n. 318)

É possível perceber que a Igreja hoje coloca um conceito de catequese como um processo de educação na fé, de anúncio, um caminho de evangelização para tornar Cristo conhecido, e como consequência uma aderência e vida de comunidade. Mas, pode-se dizer que este é um conceito novo? Na Igreja de Cristo, de quase dois mil anos, guiada pelo Santo Espírito, como este entendimento de catequese amadurece?

Neste ponto, para compreendermos como se desenvolveu o conceito de catequese, faz-se necessário uma apreciação da história da Igreja, tendo como chave de leitura o questionamento se a catequese pode ser considerada uma das colunas da vida da Igreja, ou seja, a catequese possibilitou um processo de construção e solidificação da Igreja durante a história? Neste aspecto, podemos entender a Catequese sem Igreja, ou, Igreja sem Catequese?

Para compreendermos o papel da catequese na Igreja, se faz necessário lançar este olhar sobre o passado e fazer memória de como ela se desenvolveu ao longo do tempo. Esta análise histórica ajudará na iluminação do presente, auxiliando na compreensão dos desafios atuais e na busca de possíveis ações. Não se pretende fazer uma pesquisa histórica da catequese, mas uma análise dos seus desafios e desenvolvimento, sobre a ação do Santo Espírito. Assim serão feitos alguns recortes históricos, de períodos, acontecimentos, estruturas e pensamentos, que estejam relacionados com os processos catequéticos.

## **2 UM OLHAR HISTÓRICO DA CATEQUESE**

### **2.1 Na Igreja Primitiva**

A Igreja Apostólica teve seu início na composição de uma comunidade a partir dos doze Apóstolos, juntamente com outras testemunhas e crentes que foram incorporadas à família dos seguidores de Cristo, no decorrer das primeiras décadas. A Igreja nasce a partir do mandato do Mestre “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Esta comunidade tem como princípio norteador o querigma, e no cumprimento desta missão, a Igreja cresce com o surgimento das conversões. Fazer parte da comunidade primitiva não era simplesmente aceitar a Boa Nova, mas também, viver a vida de Cristo conforme os seus ensinamentos.

A comunidade tinha total consciência da sua missão e aqueles que iriam ingressar neste contexto eram catequizados para a missão. A missão de testemunhar Aquele que entregou a sua vida para nos libertar da morte.

É essa a tarefa prioritária dos apóstolos, o anúncio da pregação da Palavra de Deus, tendo como fundamento a Ressurreição de Jesus Cristo. Eles não ficavam presos ao trabalho administrativo de bens, pois, o bem maior, era o anúncio do Reino.

Assim, a Igreja vai se formando naquilo que é o essencial da sua missão, pois, todo o resto o Senhor dá por acréscimo. Não desprezavam a importância dos bens materiais, principalmente no socorro aos mais necessitados, mas, não perdiam o foco.

Os Apóstolos não tardaram em fazer com que outros compartilhassem do seu ministério apostólico. Assim, eles transmitem aos seus sucessores o múnus de ensinar. Confiam igualmente esse múnus aos diáconos, desde a instituição destes: Estevão, “cheio de graça e de fortaleza”, não cessa de ensinar, movido pela sabedoria do Espírito. (CT, n. 11)

Assim, os Apóstolos também enviam pessoas que viviam a fé em Cristo para a missão de anunciar, multiplicando o número de evangelizadores e de comunidades.

Evangelização, conversão, vida em comunidade, partilha, testemunho, martírio, era a prática da vida dos cristãos.

As novas comunidades também têm o dever de testemunhar e acolher. Neste período a Igreja possuía a forma sinagagal de esclarecimento da Palavra de Deus. Era uma forma de leitura das Escrituras, com reflexão e o anúncio da Boa Nova. O mesmo roteiro por vezes usado por Jesus nas suas pregações.

É possível perceber a forma de anunciar e a estrutura das comunidades da Igreja Apostólica nos textos do Novo Testamento. O querigma é o tema desenvolvido nas epístolas, e, nos evangelhos, lemos as palavras do Senhor.

Na vivência do querigma, muitos cristãos não apenas anunciavam, como assumiam os ensinamentos de Cristo e seguiam os seus passos. Assim, o amor fraterno, a entrega total de suas vidas para a missão, inclusive com derramamento de sangue eram comuns. O martírio era uma das consequências dos que professavam a fé, e muitas vezes se tornava um forte testemunho para o surgimento de novos convertidos.

A exortação apostólica "Catechesi Tradendae", de João Paulo II, nos diz que a prioridade não está na expansão geográfica ou aumento numérico, mas no crescimento interior da Igreja, o cumprimento dos desígnios de Deus, que se realiza através da catequese. A catequese anda intimamente ligada com toda a vida da Igreja (CT, n. 13).

O mesmo documento ainda destaca que:

Os Evangelhos foram também, antes de serem escritos, expressão de um ensinamento oral, transmitido às comunidades cristãs, e refletem mais ou menos claramente uma estrutura catequética. Porventura a narração de São Mateus não foi já chamada o Evangelho do catequista e a de São Marcos o Evangelho do catecúmeno? (CT, n. 11)

A Igreja Apostólica possui uma catequese querigmática, que anuncia aos judeus e gentios em busca da conversão, sem possuir uma estrutura ou formulação. Onde a vida sacramental se desenvolve pela adesão à vida da comunidade e testemunho da fé.

Com o crescimento da Comunidade Apostólica, a morte dos apóstolos e o surgimento dos seus sucessores, se desenvolve o chamado Catecumenato Primitivo.

## **2.2 Igreja pós-Apostólica**

Neste período da Igreja, quando os apóstolos já tinham morrido, cessado os Escritos Sagrados e escolhido os seus sucessores, ainda existia uma forte prática da fé na vivência em comunidade, mas o processo catequético foi se organizando. Continua o aspecto de uma catequese, tendo como centro o querigma. A vida em Cristo, ainda é o fundamento de toda a vida da comunidade. Esta estruturação, que é chamado de catecumenato primitivo, vai dando respostas ao crescimento quantitativo e territorial da Igreja.

À medida que a Igreja se irradia pelo mundo, principalmente dos não judeus, se faz necessário uma maior compreensão do mundo. Faz-se necessário solidificar às bases que sustentam a comunidade cristã.

A época mais bem-sucedida da catequese posterior à Igreja apostólica é a do catecumenato para a iniciação cristã de adultos, organiza-se no século II. Nesse período, a catequese continua sendo histórica e bíblica, Cristo-Cêntrica e pascal, comunitária e litúrgica; introduz numa moral centrada na fé, na esperança e na caridade, com predomínio do vivencial e do prático sobre o doutrinal e o teórico. (CELAM, Manual de Catequética, n. 60, 2008)

Mesmo tendo a predominância da vivência e prática da fé em comunidade, é um período de muita formação, pois tem o objetivo de firmar bem a fé, que deve ser vivida, para que assim possa dialogar com o mundo pagão, sem perder a centralidade de Cristo. Para que não fossem influenciados pela vivência cultural, que era vista como pagã. Solidificar as bases da comunidade e dar uma sólida formação, era o ponto fundamental para o avanço do cristianismo. Por isso existia a atenção com o ensino, a liturgia, a conversão e a penitência.

Nos passos deste novo modelo de catecumenato a comunidade dos irmãos fazia o primeiro anúncio, a vivência da fé e o chamado para aceitar a Palavra. Quando a comunidade aceitava o novo crente, este era instruído pelo catequista e, no decorrer da caminhada, o bispo instrua oficialmente.

Este modelo de catecumenato é uma resposta ao avanço do cristianismo. A Palavra de Deus, era dada progressivamente, com isso o catecúmeno, fazia uma caminhada para os sacramentos, que eram dados na noite pascal. Os sacramentos, eram o auge do processo, mas, não parava nos sacramentos, pois tinham que continuar o processo na vivência comunitária, onde o Batismo,

confirmação e Eucaristia eram vivenciados de forma concreta. Esta forma de catequese mistagógica levava a um gradual aprofundamento no mistério que foram inseridos.

Mesmo acontecendo um crescimento e estruturação, este período da Igreja também foi marcado por muita perseguição e mortes. Portanto, os catecúmenos conheciam as dificuldades de se declarar seguidor do Cristo. Mas, ao contrário do que se poderia presumir, o martírio era visto como acontecimento de fortalecimento da comunidade.

Analisando todo o processo do catecumenato primitivo, podemos fazer uma síntese desse processo: Anúncio (querigma); instrução (catequese) focada na liturgia (celebrações); leitura das Escrituras; ritos (exorcismos, entrega e orações). As riquezas das celebrações, que eram de fundamental importância na vida da comunidade, marcavam a verdadeira unidade entre Liturgia e Catequese. Estes eram traços marcantes do catecumenato.

Essa catequese teve o seu declínio alguns séculos depois, o catecumenato foi sufocado com a falsa ideia, de que todos eram cristãos. Este é o período chamado de Idade Média, a era da cristandade.

### **2.3 A Catequese na Idade Média**

Com o passar de alguns séculos, a Igreja se expandiu por grande parte do mundo, terminaram as perseguições, novos reinos surgiram e a fé Cristã se tornou presença nas culturas, governos e práticas religiosas comuns. Surge a era da cristandade. (CR, n. 8)

Esse período, chamado de Idade Média abrange muitos séculos, sendo difícil caracterizá-la, tendo o risco da simplificação.

Com as mudanças contextuais do período, passou-se a enxergar a catequese catecumenal somente para a entrada na comunidade e não como um processo de vida de comunidade. O fator vital, deixa de ser importante, pois se imagina que a meta foi alcançada.

Com a conversão dos bárbaros, seguiu um dinamismo bem diferente da Igreja Primitiva, que se preocupava com a catequização dos novos crentes, enquanto na Idade Média, esta preocupação deixa de existir, pois as pessoas nascidas já eram consideradas cristãs.

Se faz necessário esclarecer que, neste contexto histórico, quando se fala do “mundo” não se está considerando todo o continente Americano. Esta consideração de “espalhada pelo mundo” se refere ao território da Europa, parte da África e da Ásia.

O primeiro período da Idade Média corresponde ao contexto de instabilidade que surge após a queda do império romano, do século V ao século X. O segundo período, que se estende do século XI ao século XV, onde se desenvolveu a escolástica e são criadas as universidades, chegando ao fim com o surgimento do humanismo renascentista.

O primeiro período é caracterizado por um momento de desagregação da antiga ordem devido a divisão do império em diversos reinos bárbaros, após sucessivas invasões. Progressivamente, os chefes desses reinos são convertidos ao cristianismo e assim a religião vai se tornando um novo elemento aglutinador desses reinos bárbaros. Mais tarde, tornou-se a religião oficial do Estado.

Ainda no império romano, no ano 313, o cristianismo se tornou a religião oficial, estabelecendo a primeira ligação entre Estado e Igreja. Dessa forma, na Idade Média, com a conversão dos chefes dos reinos, configuram-se duas instâncias de poder: a do Estado e a da Igreja. O Estado é de natureza secular, temporal voltado para as necessidades mundanas, caracteriza-se pelo exercício da força física. A Igreja é de natureza espiritual, tendo o interesse na salvação das almas, deve buscar a conversão de todos para a verdadeira religião, por meio da força da educação e do convencimento. Sempre existiu tensões entre os dois poderes, e esta relação assumiu diferentes expressões no decorrer do período, surgindo inúmeros conflitos.

A Idade Média é marcada por vários acontecimentos, que marcaram a história da humanidade. No entanto, como dito anteriormente, serão feitos recortes históricos e contextuais, para se concentrar nos aspectos referente a questão da catequese. Pois, neste período se constrói uma nova forma de viver o cristianismo.

A Igreja passa a assumir novos papéis neste novo contexto, como assumir função política na relação entre os reinos, começa a administrar territórios e bens, cria e administra instituições de ensino, entre outros. Com isto, a ocupação do clero não está mais empenhada exclusivamente com o anúncio do Reino. Também com estas novas realidades criou-se um pensamento despreocupado com o anúncio, pois já era suficiente a conversão dos povos e ser a religião oficial do Estado. Com isso ocorre uma catequese de manutenção, creditando-se que a imersão da pessoa nesta sociedade e cultura cristã supriria as necessidades.

A Catequese se fazia, então, por um processo de imersão nessa cristandade. Sem esquecer a influência da família, das escolas episcopais e monacais e da pregação, convém ressaltar que a educação da fé se realizava pela participação numa vida social, profissional e artística marcada pelo religioso, num ambiente cristão presente na sociedade inteira. (CR, n. 9)

Com esta mentalidade, se perdeu vigor do querigma. Existiu a ilusão de que nascer em um ambiente cristão já é suficiente, não sendo necessário o aprofundamento do querigma que é a catequese, isso leva a um enfraquecimento das comunidades e da vida sacramental, tornam-se simplesmente um acontecimento social ou de costumes.

Neste momento da história, dos sécs. IV ao VI e que vai perdurar na Idade Média, a responsabilidade da educação da fé das crianças passa para os pais, sobretudo as mães, que nem sempre são sólidas em suas convicções e na vivência cristã. Mas acredita-se que o contexto familiar, social, cultural, todo

impregnado pelo cristianismo, fará a pessoa ser cristã de modo automático, pelo simples fato de estar neste contexto, estar mergulhada na realidade cristã.<sup>3</sup>

Nascer nesta sociedade como cristão, era o passaporte para receber os sacramentos, quase sem uma preocupação de verificação do aprofundamento na fé do catecúmeno. As famílias eram consideradas cristãs, devido ao processo de conversão em massa, diferentes das conversões no início do cristianismo, confundindo a ideia de comunidade cristã com sociedade ou família cristã. Não existem os mesmos testemunhos e vivência dos sacramentos. A entrega da vida e a cruz no seguimento de Jesus Cristo já não tem o mesmo sentido, pois o Estado já era cristianizado.

Por vezes, a pregação deixa de ter o seu centro no querigma, passando a ter um discurso moral. Se desenvolve então uma catequese superficial, por vezes preocupada simplesmente em conceder o Batismo, desaparecendo as etapas de inserção nos mistérios e na comunidade para a recepção dos sacramentos.

#### **2.4 A Idade Moderna e a Igreja no Novo Mundo**

A partir do século XVI surgem novos desafios para a Igreja. É quando ocorre o crescimento do protestantismo na Europa, e acontecem as descobertas de novas terras.

Este é o período da Idade Moderna, tempo que passa pela forte influência do iluminismo. A mudança na mentalidade ou na ideologia que sustentava as sociedades europeias repercutiu também no campo religioso.

Movida pelos problemas causados pelo protestantismo, a Igreja se pôs a procurar caminhos para a transmissão da fé católica. O movimento Protestante havia assumido princípios do pensamento moderno, que tiveram grande força no pensamento daquela sociedade. A tríade luterana, *sola fide, sola scriptura e sola gratia*, não deixava dúvidas de que os pensadores protestantes estavam mergulhados nas ideologias da modernidade. Existiam também interesses políticos e sociais de grupos elitizados que desejavam reduzir o poder e influência da Igreja, assim em algumas regiões houve um forte apoio ao protestantismo por questões não puramente teológicas ou de fé.

A Igreja vai tomando iniciativas para barrar o avanço do protestantismo, sobretudo na entrada das novas terras.

O Concílio de Trento (1545-1563) considera a catequese como tarefa dos pastores, inserida na estrutura diocesana e paroquial, e conectada aos momentos sacramentais. Isso promove certa clericalização da catequese,

---

<sup>3</sup> NERY, I., Catequese com adultos e catecumenato, p. 64-65.

inibindo a iniciativa dos leigos, especialmente das mulheres. Numerosas congregações religiosas fundadas na Europa passam a catequizar na América.<sup>4</sup>

Alicerçada em um pensamento tradicional, devido ao seu desenvolvimento histórico pelos séculos, uma das ações Conciliares foi a redação do Catecismo dos párocos (1566)<sup>5</sup>, um documento que era uma síntese doutrinal. Este se tornou modelo para os catecismos que vieram a ser redigidos nos séculos seguintes. O propósito desses catecismos era preservar e transmitir a sã doutrina católica (CARMO, S. 2016).

Entre 1550 e 1600 apareceram os grandes catecismos inspirados no Concílio de Trento, entre eles temos: o de São Pedro Canísio, em 1555; o de São Carlos Borromeu, em 1566; o de São Roberto Belarmino, em 1597 (CR, n.12).

A catequese passa a ser um mecanismo de instrução, enfatizando mais a aprendizagem individual do que a vivência com a comunidade. Esta preocupação com a clareza, exatidão das fórmulas doutrinas, eram para combater as acusações e distorções teológicas lançadas pelo protestantismo.

Foi também no século XVI que se desenvolveu a imprensa. Isso ajudou ao princípio protestante de *sola scriptura*, pois agora era mais fácil que o homem comum tivesse acesso ao livro da Bíblia. É um período também em que cresce o número de escolas, aumentando o número de alfabetizados.

Pode-se dizer que esse processo de concentração apenas na instrução, focado no uso da razão, colocando em segundo plano a vivência comunitária, foi também, uma influência do pensamento iluminista. Uma ideia de que a inteligência bem instruída, é capaz de encontrar sozinha, a solução de todos os problemas da humanidade.

É então esse modelo de catequese de instrução que marcou a caminhada de evangelização da Igreja no novo mundo. Modelo este que tem uma predominância ainda hoje.

Assim a instrução é a base para receber os sacramentos. Uma catequese que busca simplesmente o sacramento, sem necessariamente acontecer o crescimento e fortalecimento da comunidade. Sem uma verdadeira adesão ao querigma, e por consequência a uma verdadeira conversão.

---

<sup>4</sup> CELAM. Manual de Catequética, n. 69, 2008.

<sup>5</sup> O Catecismo Romano ou *Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad parochos* foi decretado pelo Concílio de Trento, embora só tenha sido publicado em 1566 por São Pio V. Elaborado pelos próprios Padres conciliares ou sob a autoridade do Concílio, redigido a partir da Escritura e dos Santos Padres, pretendia ser um catecismo que estivesse acima de qualquer suspeita ou posterior censura e servisse para a educação cristã das crianças e dos adultos. A sua última redação acabou, todavia, por ter como destinatários os párocos: seria para eles guia na sua tarefa de instrução religiosa dos fiéis. O Catecismo de Trento pertence ao gênero do catecismo maior. É o único catecismo fruto de um Concílio Ecuménico, com autoridade papal e para toda a Igreja com carácter oficial. (CRISTINO, Horácio Coelho. O "Catecismo" na história da Igreja, pág. 126)

É a partir deste período da história que a visão antropocêntrica vai ganhando cada vez mais espaço, pois o homem, baseado na sua razão, torna-se o centro do mundo. A “razão” assume o espaço da fé. Tudo passa pelo crivo da razão humana. A experiência ou pensamento metafísico, não tem mais valor no mundo, onde predomina o saber humano. O saber e a ciência são fundantes na construção do humano. Aquilo que não pode ser medido ou explicado pela lógica científicista não existe. Logo, as experiências religiosas, a razão metafísica, o conhecimento de Deus, não têm espaço nesta nova era. A era do pensamento que considera estas experiências e conhecimentos nada mais que alienação do ser humano.

Aquilo que libertava o ser humano, torna-se dentro do iluminismo, escravização do ser. Esta busca da “liberdade” e do prazer, faz com que as pessoas se afastem do sagrado. A negação de Deus deve ser total.

## **2.5 A catequese a partir do Concílio Vaticano II**

Neste ponto será dado um salto temporal passando a analisar os acontecimentos do século XX, pois, como falado anteriormente, a intenção não é fazer uma pesquisa histórica, mas conhecer o desenvolvimento da catequese em alguns períodos importantes, para podermos aprender com as dificuldades de cada tempo. Tendo isso em vista, pode-se dizer que, com a cultura modernista e a posterior sociedade contemporânea, a relação do homem com Deus entrou em uma espiral descendente, desprezando cada vez mais a razão metafísica. Surgem os pensamentos e filosofias materialistas, e uma perseguição ideológica a Igreja, a toda a sua doutrina e teologia moral.

É mergulhado em novas filosofias, avanços tecnológicos e busca pela liberdade que cresce o pensamento contemporâneo, acredita que precisa de uma “libertação” de Deus. O homem se torna dono e autor do seu destino. Capaz de prover todas as suas aspirações e necessidades. Nega-se os direitos naturais e até mesmo a possibilidade da existência de verdades absolutas. Cria-se a ilusão de que o homem está evoluindo, simplesmente por ter mais conhecimento científicista e habilidades técnicas, mas na realidade mergulha cada vez mais no vazio existencial, crescem os conflitos internos e externos, a vida perde o seu valor e significado.

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução actual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Gaudium et Spes, n. 4, 1965.

Além das mudanças ideológicas e culturais, ocorrem também grandes mudanças territoriais, se desenvolve a sociedade industrial, surgem novas cidades, há uma migração do campo e crescem os centros urbanos.

Em paralelo, acontece uma melhora significativa nos meios de comunicação, isso permite uma transmissão mais rápida do conhecimento e dos acontecimentos, como uma rápida e vasta difusão dos modos de pensar, o que, por sua vez, dá origem a numerosas repercussões.

Por fim, tantas mudanças, em tantos níveis, não deixariam de afetar a vida religiosa. Acontecem influências na teologia, na forma de pensar Deus e o homem. Por um lado, um sentido crítico pode purificá-la duma concepção mágica do mundo e de certas ideias supersticiosas e levar cada dia mais a adesão a uma fé pessoal e aprofundada. Mas, por outro lado, grandes massas se afastaram da religião. Ao contrário do que aconteceu em tempos passados, negar Deus ou a religião já não é um fato individual e incomum. Isso é muitas vezes apresentado como exigência para o progresso científico, um novo tipo de humanismo. Toda essa lógica não é apenas afirmada no meio filosófico, mas invade a literatura, a arte, a interpretação das ciências humanas, a história, até as próprias leis civis e também a teologia (GS, n. 7).

Após todas estas mudanças, com avanços e declínios, em meio a uma sociedade completamente transformada, a Igreja desperta para a necessidade de resgatar a vivência sacramental na comunidade. A Igreja não está fora do mundo e precisa assumir um papel importante de agente transformador do mundo. Se percebe então que esta transformação acontece através da vivência comunitária do sacramento, assumindo canal de diálogo com o mundo. Esta visão demarca uma visão otimista, sendo a Igreja sinal do amor de Deus. É então que, como resultado de muitos movimentos e anseios, se realiza o Concílio Vaticano II, tornando-se um importante acontecimento histórico para a vida da Igreja. Tentando ser uma resposta para as várias indagações no que se refere a Evangelização (querigma) no mundo contemporâneo, a vida de comunidade e a catequese.

O Concílio Vaticano II, não foi realizado para combater heresias e definir dogmas, mas para dar orientações para a Igreja. Uma atenção sobre a ação pastoral da Igreja, que é sinal da presença do Reino de Deus e que deve assumir o mundo como campo de missão.

Embora o Concílio Vaticano II não tenha produzido um documento exclusivo sobre catequese, muitos documentos conciliares apontaram para uma necessidade de renovar o anúncio. Uma dessas indicações, foi sobre a necessidade de a Igreja adaptar a sua linguagem à realidade presente, para continuar sendo fiel à sua missão de anunciar o reino de Deus. Tentar compreender o mundo presente será o grande esforço da Igreja nestes tempos.

Nestas igrejas jovens, a vida do Povo de Deus deve adquirir a maturidade em todos os sectores da vida cristã, renovada segundo as normas deste Concílio: os grupos de fiéis tornam-se de dia para dia mais conscientemente comunidades de fé, de liturgia e de caridade; pela sua actividade cívica e apostólica, os leigos trabalham por instaurar na sociedade uma ordem de caridade e de justiça; os meios de comunicação social são empregados de maneira oportuna e prudente; graças a uma vida verdadeiramente cristã, as famílias tornam-se viveiros do apostolado dos leigos e das vocações sacerdotais e religiosas. A fé, enfim, é ensinada por meio duma catequese adaptada, é celebrada numa liturgia conforme ao génio do povo, e, por uma legislação canónica conveniente, passa para as instituições e para os costumes locais.<sup>7</sup>

Todos os documentos conciliares, tem elementos de fundamental importância para uma retomada da evangelização e por isso para uma renovada catequese.

Os olhares restaurados para as realidades, marcam uma nova época de aprofundamento, sobretudo no campo da evangelização.

O impacto do Vaticano II sobre a catequese foi e continua a ser muito vivo, esse Concílio ecumênico representa o início de uma nova época. Conhecer a realidade torna-se ponto fundante para a catequese para a construção de uma comunidade que deve testemunhar a Boa Nova do Reino.

O interesse pelas catequéticas, nos anos pós-conciliares, cresce muito. São elaborados vários documentos voltados para a catequese, dos quais, podemos destacar na Igreja Universal: *Diretório Catequético Geral* (1971); *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975); *Catechesi Tradendae* de João Paulo II (1979). E na Igreja do Brasil: CNBB, *Catequese Renovada: orientações e conteúdos* (1983); *Diretório Geral para a Catequese* 1997.

Contudo, apesar de todo o esforço da Igreja, não foi em todos os lugares que ocorreram as transformações desejadas dos modelos de catequese. Os desafios são grandes, pois, as barreiras e dificuldades existentes não são desmanteladas apenas com as boas intenções. Pois, se faz necessária a ação de todos os membros do Corpo de Cristo.

Esta fé, hoje confrontada com o secularismo, ou antes, podemos mesmo dizer, com o ateísmo militante, é quase sempre uma fé exposta a provações e ameaçada, e mais ainda, uma fé assediada e combatida. Ela corre o risco de morrer de asfixia ou de inanição, se ela não for alimentada e amparada todos os dias. Evangelizar há de ser, muito frequentemente, comunicar à fé dos fiéis, em particular, mediante uma catequese cheia de substância evangélica e servida por uma linguagem adaptada ao tempo e às pessoas, esse alimento e esse amparo de que ela precisa.<sup>8</sup>

Com este olhar histórico, não se pretende demonizar as comunidades cristãs ou o clero dos períodos. A Igreja foi e continuará sendo conduzida pelo Espírito Santo, e sempre será Una,

---

<sup>7</sup> Paulo VI. *Ad Gentes*, n. 19, 1965.

<sup>8</sup> Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi*, n.54, 1975.

Santa e Católica. Não se pretende negar os avanços que a Igreja teve em toda a história da humanidade, nem esquecer todos os grandes santos e mártires que tivemos em todas as épocas. Afinal, a Igreja é corpo de Cristo e meio da economia da salvação. Foram ressaltados problemas e desafios do passado para atender aos propósitos deste trabalho em analisar os desafios presentes.

## **2.6 Aprendizagem com o passado**

A história não se desenvolve em ciclos fechados. Os acontecimentos vão deixando suas marcas, que podem ser superficiais ou profundas, e ainda positivas ou negativas. Na história da catequese algumas marcas precisam ser apagadas, portanto, exigem uma mudança de atitudes para retomar o caminho. Outras marcas positivas desapareceram e hoje precisam ser retomadas. Este olhar para a história é uma tentativa de amadurecimento da catequese recordando as experiências do passado. Não se pode trazer respostas congeladas para os nossos dias, mas sim, buscar parâmetros que deram certo no decorrer da história, e dialogando com o mundo presente, pensar em caminhos para uma catequese de conversão.

O tipo de vida comunitária sempre foi marcado pelo estilo de conversão, fruto do modelo de evangelização, de catequese. Em cada período histórico, dependendo da atenção que se dá à catequese, temos comunidades mais ou menos enraizadas nos segmentos de Jesus Cristo. Quando a catequese não é prioridade, em qualquer período ou lugar, temos comunidades superficiais no segmento do Senhor.

Analisando os acontecimentos apontados anteriormente, é possível perceber que, em todos os tempos a Igreja enfrentou dificuldades no seu papel de anunciar o evangelho. De alguma forma isso pode ser um conforto, pois entendemos que, não é apenas nos tempos presentes que são enfrentadas grandes dificuldades. Isto confirmando a promessa do Senhor sobre sua Igreja, de que as portas do inferno nunca iriam prevalecer (Mt 16, 18). Portanto, podemos ter uma renovada esperança de que a catequese querigmática pode ser restaurada ainda hoje.

Porém, considerando a realidade, podem ser traçados alguns paralelos. Na Igreja primitiva havia a necessidade de anunciar para os pagãos ou gentios. Pessoas para as quais se fazia necessário revelar completamente o Cristo e o amor do Deus único, pois não conheciam a fé judaica. Hoje se faz necessário uma semelhante forma de anúncio, pois, mesmo tendo pessoas que nasceram em uma sociedade com cultura cristã, após a era da cristandade, elas não conhecem Cristo Rei e Senhor. Alguns já ouviram alguma história sobre um “tal Jesus”, mas não o conhecem. O Santo Papa João Paulo II já nos exortava que era necessário evangelizar os católicos. E os bispos do Brasil nos apontam que “O desafio da Igreja é a evangelização do

mundo de hoje, mesmo em territórios onde a Igreja já se encontra implantada há mais tempo” (CNBB 84, n.29). Ao mesmo tempo, temos muitos com uma fé supersticiosa, com um pensamento mágico e muito misticismo, quase como um “politeísmo moderno”, semelhantes aos povos antigos.

Visto estas coisas, podemos aprender com a Igreja primitiva que, o recebimento dos sacramentos não podem ser um acontecimento isolado, mas sim, a consequência de uma inserção na vida da comunidade. Ambiente onde a vivência dos sacramentos terá mais condições de produzir frutos. De tal modo que, como um ciclo, através do testemunho da vida do cristão, com os dons inerentes aos sacramentos, são geradas novas conversões dentro da comunidade. A comunidade se renova à medida que acolhe, os novos convertidos, torna-se catequizadora no acolhimento.

A catequese não prepara simplesmente para este ou aquele sacramento. O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja. Nosso processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam esse processo e têm consequências na vida. Diante da importância de assumir uma catequese de feição catecumenal, é necessário rever, profundamente, não apenas os “cursos de Batismo e de noivos” e outros semelhantes, mas todo o processo de catequese em nossa Igreja, para que se pautem pelo modelo catecumenato. (CNBB 84, n.50)

A vivência dos sacramentos deve se realizar na comunidade, e para tal, requer uma catequese sólida e ao mesmo tempo, com capacidade de dialogar com as realidades. Esse diálogo não pode ser confundido com uma conversa de aceitação ou aprovação das situações ou estados de vidas em que se encontra a sociedade ou indivíduo, por outro sim, deve ser uma disposição em escutar e uma habilidade de se fazer compreender pelo outro, para causar neste uma conversão. Este diálogo, ou meio de evangelização, também se realiza pelo testemunho do convertido. O diálogo catequético também se faz com a vida.

Um outro paralelo, é que hoje, também enfrentamos mudanças na sociedade, sejam elas tecnológicas, culturais e territoriais. Se faz necessário entender os novos espaços e criar uma estrutura de catequese que seja capaz de atingir e acolher a muitos. Assim, como no passado, a Igreja expandiu sobre os reinos e novos mundos, hoje também podemos expandir com as novas ferramentas de comunicação, as novas tecnologias e a vida em comunidade. Este último, principalmente pelo acolhimento em uma era de muitas debilidades psicológicas emocionais, isolamentos e falta de sentido na vida. Existe atualmente um vasto território para o anúncio e construção de novas comunidades.

Também, ainda hoje, sofremos perseguições, como em todos os períodos, variando apenas a forma. No entanto, também se faz necessário ter coragem de combater as ideologias que pervertem a teologia, tirando o Cristo do centro e colocando o homem. Hoje, por vezes, se

coloca a sociedade no lugar de Deus, ela como geradora da verdade e da norma moral, criando preocupações com mudanças sociais sem a conversão do indivíduo.

Neste momento, com base nos documentos da Igreja e os pontos refletidos, é possível definir algumas questões:

- A catequese precisa ter um modelo renovado. Não pode estar voltado apenas para aspectos sociais, mas preocupada com a conversão e vivência sacramental em comunidade.
- A catequese deve ser a prioridade nas comunidades. Sem isso, vamos continuar com comunidades pouco frutíferas e decrescentes.
- É indispensável uma boa seleção e formação de ministros da catequese. Os catequistas são aqueles que, apoiados pela comunidade, poderão realizar estas mudanças.

Comumente nas paróquias, todos com boas intenções, acontece um foco na tentativa de construir um modelo de catequese. Criam-se estruturas pedagógicas e itinerários com intenção de atingir os catecúmenos. No entanto, muitas vezes, não acontece uma preocupação como tipo de catequista que conduzirá o processo catequético, não se elabora um processo de seleção e formação, mesmo a Igreja fazendo várias recomendações e orientações a este respeito.

Podemos ratificar a necessidade destas prerrogativas para a eleição e formação dos catequistas, através documento *Antiquum Ministerium* que nos diz:

Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé (AM, n.8).

Com o propósito de tentar atender a esta necessidade, nos capítulos seguintes serão tratados os critérios que a Igreja aponta para a escolha dos catequistas e as orientações para a sua formação.

### **3 CRITÉRIOS PARA A ELEIÇÃO DOS CATEQUISTAS**

Mesmo com todas as variações temporais da catequese, o documento *Catechesi Tradendae* ressalta a importância de compreender que, para a Igreja, a catequese sempre foi um dever sagrado e um direito imprescritível. Por um lado, por se tratar de uma obrigação originada na ordem do Senhor e que encarrega sobretudo àqueles que recebem o chamamento para o ministério de Pastores. Por outro lado, pode-se considerar também um direito, pois do ponto de vista teológico, todos os batizados, têm direito a receber da Igreja um ensino e uma formação que lhes permita levar uma verdadeira vida cristã. Para além disso, na perspectiva dos direitos do homem, toda a pessoa humana tem direito a procurar a verdade religiosa e a ela aderir livremente (CT, n.14).

Sendo assim, é importante destacar que o dever e atribuição própria de catequizar é do Bispo e, em seguida, dos presbíteros. Em diversos documentos, a Igreja vai deixar clara essa prerrogativa dos ministros ordenados.

O documento da CNBB, *Catequese Renovada*, a respeito desta missão dos ordenados, expõe:

A tarefa da Catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que, com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na fé. O Bispo, e com ele os presbíteros e diáconos, sacramentalmente constituídos ministros do Cristo-Mestre, são os primeiros responsáveis pela Catequese. (CR, n. 144)

O Código de Direito Canônico, no Cân. 773, descreve que “É dever próprio e grave, sobretudo dos pastores de almas, cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pela instrução doutrinal e experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e operosa”.

Na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, o Papa João Paulo II, dirigindo-se aos Bispos fala:

Na verdade, caríssimos Irmãos, tendes neste campo uma missão particular nas vossas Igrejas; sois aí os primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência. Depois, também a vós juntamente com o Papa, no espírito da colegialidade episcopal, incumbe a responsabilidade pela catequese na Igreja inteira. (CT, n. 62)

Também se dirige aos sacerdotes e diáconos dizendo:

Quanto a vós sacerdotes, estamos num terreno em que sois os colaboradores imediatos dos vossos Bispos. Foi o Concílio que vos chamou “educadores da fé”<sup>9</sup>; e de que maneira melhor o podereis ser do que envidando todos os esforços possíveis para o crescimento das vossas comunidades na fé? [...] a Igreja espera que nada descureis em vista de uma actividade catequética bem estruturada e orientada. Os diáconos e outros ministros, se porventura tendes a dita de os terdes convosco, são para isso os vossos cooperadores natos. Todos os que crêem têm direito à catequese; e todos os pastores têm o dever de a ela proverem (CT, n. 64)

Também, no Catecismo da Igreja Católica, ao esclarecer a quem ele se destina prioritariamente vai expor que: “Este Catecismo destina-se principalmente aos responsáveis pela catequese que são, em primeiro lugar, os bispos, enquanto doutores da fé e pastores da Igreja. É-lhes oferecido como instrumento para o desempenho da sua missão de ensinar o povo de Deus” (CIC, n.12).

Mas recentemente, confirmando os inúmeros documentos anteriores, o Diretório para a Catequese, aprovado em 2020 pelo Papa Francisco, recordando a Exortação Apostólica Pós Sinodal *Pastores Gregis*, afirma que:

“O Bispo é o primeiro anunciador do Evangelho por meio das palavras e do testemunho da vida”<sup>10</sup> e, enquanto primeiro responsável da catequese na diocese, tem a função principal de, juntamente com a pregação, promover a

---

<sup>9</sup> Decreto sobre o Ministério e Vida dos Sacerdotes *Presbyterorum Ordinis*, n. 6, 1966.

<sup>10</sup> João Paulo II. Exortação Apostólica Pós Sinodal *Pastores Gregis*, n. 26, 2003.

catequese e de predispor as diversas formas de catequese necessárias aos fiéis de acordo com os princípios e as normas emanadas pela Sé Apostólica (DC, n. 114).

Em seguida, este mesmo Diretório, vai se dirigir aos párocos e diáconos exortando que: “O pároco é o primeiro catequista na comunidade paroquial” (n. 116) e que “Os diáconos deverão ser envolvidos nos programas catequéticos diocesanos e paroquiais, sobretudo no que diz respeito às iniciativas ligadas ao primeiro anúncio” (n. 117).

Tendo a ciência de que a prerrogativa de catequizar pertence aos ministros ordenados, na sua devida hierarquia, é imprescindível também, ter a consciência e clareza de que não é humanamente possível que estes possam exercer este papel em todos os lugares, de anunciar, educar e formar a todos os cristãos. Para tanto, a Igreja conta com a fundamental colaboração dos milhares de catequistas, espalhados por todo o mundo, para poder cumprir o seu dever de catequizar. Homens e mulheres que levam a Boa Nova da Salvação aos irmãos e contribuem para a formação do Corpo de Cristo.

Compreendendo a importância desse serviço exercida por inúmeros leigos e leigas o Diretório para a Catequese vai afirmar que:

O catequista é um cristão que recebe este chamamento particular de Deus, que, acolhido na fé, o habilita para o serviço da transmissão da fé e para a tarefa de iniciar à vida cristã. As causas imediatas para que um catequista seja chamado a servir a Palavra de Deus são muito variadas, mas todas elas são mediações das quais Deus se serve, através da Igreja, para chamar ao seu serviço. (DC, n. 114)

A vocação do leigo à ser um anunciador tem origem no sacramento do Batismo e se fortalece pela Confirmação, sacramentos mediante os quais ele participa do “ministério sacerdotal, profético e real”<sup>11</sup> de Cristo. No entanto, além da vocação comum ao apostolado, alguns leigos sentem-se chamados interiormente por Deus, a se aprofundar neste serviço, assumindo a tarefa de catequista. Então, a Igreja suscita e distingue esta vocação divina, e confere a missão de catequizar. Dessa forma, o Senhor Jesus convida homens e mulheres, de uma maneira especial, a segui-Lo, tornando-se mestres e formadores de outros discípulos.<sup>12</sup>

Podemos confirmar esta realidade com o que nos diz o Doc. 84, Diretório Nacional de Catequese:

São milhares de mulheres, homens, jovens, anciãos e até adolescentes que descobrem, na experiência de fé e na inserção na comunidade, a vocação de catequista. Exercem essa missão com esmero, com doação e amor à Igreja. Assim, “dedicam-se de modo especial ao serviço da Palavra, tornando-se porta-vozes da experiência cristã de toda comunidade” (CR 144; cf. 147).

---

<sup>11</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 180-190 e 197.

<sup>12</sup> Diretório Geral para a Catequese, CNBB, n. 231.

Merecem que a Igreja os ajude a ter sucesso na tarefa que generosamente abraçaram. (n. 242)

E olhando as últimas décadas, neste ambiente pós conciliar, de efervescente discussão sobre a importância da catequese, em meio a um processo de busca pela sua renovação, se enfatizou a importância da figura do catequista e, com isso, surgem estudos sobre a possibilidade de instituição do ministério do catequista pela Igreja. Assim, como uma resposta a estes anseios, surge a instituição do Ministério laical de Catequista, estabelecida pelo Papa Francisco.

A Carta Apostólica, em forma de Motu Próprio, *Antiquum Ministerium* (2021), é uma espécie de coroamento de um caminho de prática e de reflexão sobre a catequese. Uma resposta aos anseios do Concílio Vaticano II de uma nova evangelização. Neste concílio se destaca a proposta de retorno às fontes, assim, buscou no catecumenato dos primeiros séculos elementos basilares que proporcionem a mudança de uma catequese, antes vista apenas como transmissora de conteúdos da fé, para uma catequese querigmática, mistagógica, bíblica e com uma inseparável relação com a liturgia. Tudo isso favoreceu o reconhecimento de quem, na prática, exerce essa missão evangelizadora por vocação: os(as) catequistas.

Quando a Igreja institui um ministério, reconhece sua importância. A instituição do ministério do catequista é a confirmação do reconhecimento da missão dos discípulos missionários que respondem com alegria ao chamado do Senhor. Não obstante temos que lembrar que esta é uma vocação, ou seja, é o Senhor quem chama, não pode se realizar apenas a partir da vontade do indivíduo, e diferentes do chamado para a santidade que é feito a todo batizado, o serviço da catequese é um dos dons, entre muitos outros, que o Senhor distribui.

Refletindo sobre essa vocação, recordamos que o Salvador, durante o seu tempo de anúncio da Boa Nova, não escolheu os grandes e sábios deste mundo (1Cor 1,26-27) para lhe ajudar na construção do Reino, pois, “é de Deus que vem a nossa capacidade” (2Cor 3,5). Porém, para o cumprimento de uma vocação, se faz necessário algumas condições mínimas para desempenhar as funções atribuídas a ela. São Paulo já nos advertia que muitos são os dons e funções, e é o Espírito que os distribui como lhe apraz (1Cor 12,4-11), deste modo, é possível entender que estas diversidades de dons estão atribuídas a uma diversidade de pessoas com capacidades e características distintas, se assim não o fosse, todos poderiam exercer qualquer função. Posto isto, estabelecer critérios de eleição de pessoas para desempenhar o ministério catequético não é um processo discriminatório, mas um ato de maturidade e caridade para que os talentos e dons possam ser empregados corretamente para o bem de cada vocacionado e de toda a comunidade cristã, levando ao crescimento do Reino de Deus.

A missão do catequista é atrair as pessoas ao seguimento de Jesus e levá-las a fazer a experiência do amor de Deus. Portanto, é uma pessoa escolhida por Deus, através da Igreja e, por ela, encarregada para ser instrumento eficaz, para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus que se revelou plenamente em Jesus Cristo. Diante desse chamado, o catequista precisa ser uma pessoa que ama e se sente realizada; pessoa de maturidade humana e de equilíbrio psicológico; pessoa de espiritualidade, que deseja crescer na santidade; que alimenta sua vida na força do Espírito Santo; que se nutre da Palavra de Deus.

Neste sentido, o Documento, Catequese Renovada, vai decorrer sobre o catequista:

É tarefa do catequista apresentar os meios para ser cristão e mostrar a alegria de viver o Evangelho. Catequizar é comunicar. O catequista comunica mediante o testemunho, a palavra e o culto. A comunicação autenticamente evangélica supõe uma experiência de vida na fé e de fé capaz de chegar ao coração daquele a quem se catequiza. Contudo, sabendo que a adesão dos catequizandos a Jesus Cristo é fruto da graça e da liberdade, estará atento a respeitar as decisões e dificuldades de cada um. Assim também, o catequista participará do diálogo com as manifestações religiosas que caracterizam o nosso hodierno mundo pluralista... dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor (CR, n. 147)

Considerando o papel que deve desempenhar, pode-se dizer que o ser catequista é assumir a missão de Jesus Cristo, ser verdadeiramente um outro Cristo, ele deve ser um sinal visível de Deus. Não apenas em palavras, mas principalmente pelo testemunho, deve fazer ressoar a Palavra de Deus. O catequista tem que testemunhar a graça e o amor de Deus em comunhão com a Igreja, Sacramento de salvação.

Em diversos documentos da Igreja, principalmente os que tratam da catequese, existem inúmeras referências, similares às citadas anteriormente, que vão descrever esse importante papel do catequista e a sua importância na missão da Igreja de evangelizar, e como este deve ser um servo fiel a sua doutrina e com condições de cumprir este importante papel. Deste modo para poder demonstrar as características que deve ter um catequista e assim assumir critérios práticos para a eleição de uma pessoa para cumprir essa missão de catequizar, pode-se destacar o Documento 84 da CNBB, Diretório Nacional de Catequese, que estabelece de forma objetiva qual deve ser o perfil do catequista (cf. 261 a 267).

Este documento, ao falar sobre o perfil do catequista, começa com uma explanação muito madura, esclarecendo que o perfil do catequista é um ideal a ser conquistado. E que Jesus deve ser o nosso modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Então, sendo fiel a esse modelo, devem ser desenvolvidas as diversas dimensões: “ser, saber, saber fazer em comunidade”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> A explanação sobre estas dimensões vai ser encontrada no outro documento, Diretório Geral para a Catequese n. 238ss.

Esta introdução ao perfil do catequista como um “ideal” não deve ser entendida como uma utopia, um sonho, e por isso algo que não será atingido e logo pode ser desconsiderado, mas ao contrário é para nos servir de modelo, como diz o documento. É para olharmos para esse modelo, esse ideal, que é Jesus, e a partir disto, suscitar um esforço, uma busca autêntica e sincera de cada vez mais se configurar ao Cristo.

Tendo isto claro, podemos elencar características que vão apresentar o rosto humano e cristão do catequista. São elas:

- Pessoa que ama viver e se sente realizada. O catequista entende que é chamado e responde com alegria e entusiasmo a sua vocação batismal. Empenha sua vida em favor dos irmãos para gerar mais vida. “Ser catequista é assumir corajosamente o Batismo e vivenciá-lo na comunidade cristã. É mergulhar em Jesus e proclamar o Reinado de Deus, convidando a uma pertença filial à Igreja”. (DGC, n. 238).

- Pessoa de maturidade humana e de equilíbrio psicológico. Nos dias presentes, com tantos problemas e distúrbios sociais, esta é uma característica indispensável. Com a maturidade humana será possível o crescimento no equilíbrio afetivo, no senso crítico, na unidade interior, na capacidade de se relacionar e de dialogar, seja no tratamento individual ou no trabalho de grupo. Pois o catequista deve ser um ponto de atração e acolhimento, gerador de conversão, e não um causador de traumas e ressentimentos.

- Pessoa de espiritualidade que quer crescer em santidade. O catequista deve ser um discípulo do Mestre, com isso, busca fazer com Ele uma experiência de vida e de fé. Súplica as inspirações do Espírito Santo para transmitir a mensagem com coragem, entusiasmo e ardor. “Esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste” (Jo 17,3). Tendo Maria como exemplo de discipulado, alimenta-se da Eucaristia e da Palavra, e busca uma vida de oração. Seu anúncio será pelo exemplo mais do que por palavras.

- Pessoa que sabe ler a presença de Deus nas atividades humanas. Sabe olhar para as pessoas, em especial os mais necessitados, e reconhecer o rosto do Senhor. Reconhece na comunidade, no gesto de justiça e partilha e nas mais diversas realidades do mundo a presença de Deus.

A fé, no seu conjunto, deve enraizar-se na experiência humana, sem permanecer na pessoa como algo postigo ou isolado. O conhecimento da fé é significativo, ilumina a existência e dialoga com a cultura; na liturgia, a vida pessoal é uma oferta espiritual; a moral evangélica assume e eleva os valores humanos; a oração é aberta aos problemas pessoais e sociais (DGC, n. 87).

- Pessoa integrada no seu tempo e identificada com sua gente. O Catequista não pode ser isolado, alheia ao mundo. Deve ser maduro para reconhecer os problemas reais do seu tempo,

sejam eles ideológicos, culturais, sociais e políticos. Deve assumir de forma incondicional à defesa da vida e ter sensibilidade para adotar às lutas do povo. “Olha o mundo com os mesmos olhos com que Jesus contemplava a sociedade de seu tempo” (DGC, n. 16).

- Pessoa que busca, constantemente, cultivar sua formação. Não é possível ser um catequista sem compreender que a formação contínua é parte basilar da sua missão catequética. Deve cuidar com esmero do seu crescimento no conhecimento das coisas do homem e das coisas do Alto. Somos pessoas em processo de desenvolvimento e de aprendizado. As ciências teológicas, humanas e pedagógicas estão sempre em evolução e progresso. O documento vai nos dizer que a catequese:

Precisa de pessoas que buscam preparação e estejam dispostas a aprender sempre mais, para dar um testemunho convincente de fé. Não basta boa vontade, é preciso uma atualização dinâmica [...]. Requer, também, uma grande intimidade com a Palavra de Deus, com a doutrina e a reflexão da Igreja [...] (CNBB 73, n. 38f).<sup>14</sup>

- Pessoa de comunicação, capaz de construir comunhão. Neste sentido, não se trata apenas de saber falar, ter uma boa oratória, isso também é necessário, mas acima de tudo ser capaz de estabelecer uma comunicação com o irmão. Ser alguém que fala e escuta, que toca o íntimo do outro com fraternidade. O catequista deve ser um cultivador de amizades, com ele e entre outros, alguém que está atento às pessoas, capaz de pequenos gestos que alimentam relacionamentos que santificam. O cuidado, a delicadeza diária é também uma forma de mostrar o rosto amoroso de Deus. “A comunicação autenticamente evangélica supõe uma experiência de vida na fé e de fé, capaz de chegar ao coração daquele a quem se catequiza” (CR, n. 147). Estas características apresentadas não devem ser tomadas apenas como elementos que se deseja possuírem os catequistas, mas devem ser referência e critérios práticos de seleção das pessoas que irão assumir a função e o ministério de catequista. É compreensível que exista a dificuldade de encontrar pessoas que possuam a totalidade destas características em pleno desenvolvimento, mas não obstante, elas devem ter a mínima presença destas e condições mínimas de desenvolvê-las no processo de formação.

Estes critérios de seleção não podem ser meios de engessamento da manifestação das características peculiares de cada indivíduo. Ou um modo de estabelecer um perfil estrito de catequista. Não é possível desejar que todos tenham uma única linguagem, um mesmo jeito de falar e de anunciar, um único querigma. Contudo, todos devem estar unidos a uma única fé, uma única Igreja, a um único Senhor, e então sejam capazes de transmitir ao mundo, com fidelidade, a fé que edifica o Reino de Deus.

---

<sup>14</sup> Dimensão Bíblico-Catequético, Catequese para um mundo em mudança (Estudos da CNBB 73). 1994.

Em resposta ao convite feito às Conferências Episcopais na Carta Apostólica *Antiquum Ministerium*, para que estabeleçam o processo formativo necessário e os critérios normativos para a realização da instituição do Ministério de Catequista, a CNBB desenvolveu o documento Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, onde apresenta algumas considerações e critérios a serem colocados em prática na Igreja do Brasil. Este aponta alguns critérios práticos para a eleição dos catequistas que poderão receber a instituição deste ministério.

Critérios para que catequistas já atuantes recebam o ministério:<sup>15</sup>

- Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da Iniciação à Vida Cristã (IVC) e outros grupos que ele julgar oportuno;
- Ter no mínimo 20 anos de idade e 5 anos de atuação na catequese;
- Ter participado da formação básica proposta pela diocese;
- Ter participado da formação específica e imediata para a recepção do ministério, de acordo com as orientações da CNBB (mínimo de 6 meses).

Critérios para que catequistas iniciantes recebam o ministério:<sup>16</sup>

- Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da IVC e outros grupos que ele julgar oportuno;
- Ter no mínimo 20 anos de idade;
- Ter participado do itinerário de preparação, de acordo com as orientações da CNBB: experiência de atuação de no mínimo 5 anos na catequese; cumprimento de todas as etapas de formação.

O documento faz ainda duas considerações, primeiro, que deve ser analisada toda a caminhada anterior daquele que se prepara para o ministério, mas sem apressar demais a sua recepção. Segundo que, a médio prazo, será necessário um caminho relativamente longo (5 anos) para que se receba o ministério. Neste caso, sugere a construção de um itinerário orientativo. Onde cada diocese deverá fazer as devidas adaptações a partir do seu plano formativo e das escolas catequéticas já existentes, além de definir o tempo de cada etapa.

Nesta eleição de catequista, precisa identificar pessoas que saibam dar respostas aos desafios constantes que se apresentam, através de uma profunda sensibilidade. Para tanto, “são necessários catequistas que sejam, ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas”<sup>17</sup>. A

---

<sup>15</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Ed. CNBB, 2021, pág 19.

<sup>16</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Ed. CNBB, 2021, pág 20

<sup>17</sup> Diretório Geral para a Catequese 237.

formação catequética é um longo caminho a ser percorrido, através de conhecimentos, de práticas, da reflexão bíblico-teológica e metodológica. Perceber as riquezas, bem como os limites pessoais, de cada educador da fé e sua capacidade de trabalhar em equipe. Deve estar consciente de que falará em nome da Igreja e que para isso é preciso estar integrado numa comunidade de fé.

A formação, ao mesmo tempo, estará atenta a que o exercício da catequese alimente e nutra a fé do catequista, fazendo-o crescer como crente. Por isso, a verdadeira formação alimenta, sobretudo, a espiritualidade do próprio catequista, (275) de maneira que a sua ação nasça, na verdade, do testemunho de sua própria vida. Todo tema catequético que transmite deve alimentar, em primeiro lugar, a fé do próprio catequista. Na verdade, catequizam os demais, catequizando primeiramente a si mesmos. (DGC, n. 239)

Não obstante, neste itinerário de desenvolvimento das características do catequista se fará o processo de formação. E esta, além de proporcionar a aquisição de conhecimentos para desenvolver os conteúdos, ajuda a criar um espírito de alegria e de esperança, necessários para superar os desafios, tensões e medos que sempre surgem no cumprimento deste ministério. Pois, um catequista bem preparado, que sente ter sucesso no que faz, estará menos propenso a desistir. Avançando para a próxima etapa deste itinerário, pode-se neste ponto tomar as palavras do Diretório Nacional de Catequese que aponta um dos desafios mais significativos na tarefa catequética:

Formar catequistas como comunicadores de experiências de fé, comprometidos com o Senhor e sua Igreja, com uma linguagem inculturada que seja fiel à mensagem do Evangelho e compreensível, mobilizadora e relevante para as pessoas do mundo de hoje, na realidade pós-moderna, urbana e plural. (DNC, n. 14b)

E para complementar esta preocupação, temos a afirmação do Diretório Geral para a Catequese que elucida sobre a importância da formação:

Todas estas tarefas nascem da convicção de que qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, coloca em risco a sua qualidade. Os instrumentos de trabalho não podem ser verdadeiramente eficazes se não forem utilizados por catequistas bem formados. Portanto, a adequada formação dos catequistas não pode ser descuidada em favor da atualização dos textos e de uma melhor organização da catequese. (DGC, n.234)

#### **4 ORIENTAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA**

O catequista possui essa missão indispensável na Igreja, como já demonstrado anteriormente, de ser um anunciador do reino, formador de novos cristãos e animador da vida das comunidades. E deve fazer isto não apenas por palavras, mas principalmente pelo seu testemunho. Como disse o Papa João Paulo II na *Redemptoris Missio*:

Mesmo com a multiplicação dos serviços eclesiais e extraeclesiais, o ministério dos catequistas permanece ainda necessário e tem características peculiares: os catequistas são agentes especializados, testemunhas directas, evangelizadores insubstituíveis, que representam a força basilar das comunidades cristãs, particularmente nas jovens Igrejas, como várias vezes pude dizer e constatar, nas minhas viagens missionárias. (*Redemptoris Missio*, nº 73)

Por estas razões, deve ser uma pessoa com características específicas, e por isso deve ser cuidadosamente eleito para exercer este importante ministério, instituído pelo Papa Francisco em 2021. Contudo, existe um outro aspecto ressaltado nos vários documentos, que é de extrema importância para a boa catequese, trata-se da formação dos catequistas.

Esses catequistas leigos, com efeito, têm de ser cuidadosamente formados para o seu papel que, se não é um ministério formalmente instituído, é pelo menos uma função de grandíssima importância na Igreja. A necessidade de tal formação há de levar-nos, pois a organizar Centros e Institutos adaptados, que os Bispos hão de acompanhar com uma assídua atenção. (*Redemptoris Missio*, n. 71)

O Documento Diretório Geral para a Catequese vai falar em vários momentos sobre a formação, no parágrafo 33, diz que para a catequese ser vital e a eficaz deve assumir alguns desafios e orientações, entre estes “deve considerar como tarefa prioritária a preparação e a formação de catequistas de fé profunda”. Posteriormente, vai apontar a responsabilidade da Igreja particular de suprir as próprias necessidades e traçará o perfil dos tipos de catequista de que necessita. E ressalta que “É uma tarefa fundamental a orientação e a organização da formação dos catequistas” (n. 232). Neste Documento é dedicado todo o capítulo II para tratar da formação ao serviço da Catequese, e entre as diversas exposições sobre a importância desta tarefa diz:

A formação procura habilitar os catequistas a transmitir o Evangelho àqueles que desejam entregar-se a Jesus Cristo. A finalidade da formação requer, portanto, que o catequista se torne o mais idôneo possível a realizar um ato de comunicação: o objetivo essencial da formação catequética é o de tornar apto à comunicação da mensagem cristã. (DGC, n. 235)

O Documento Catequese Renovada também fala diversas vezes sobre a formação, dando várias orientações, e vai destacar a importância da comunidade de empenhar todos os esforços para proporcionar uma formação permanente aos catequistas com foco em alguns aspectos. Sua inserção na caminhada da comunidade eclesial; consciência crítica da realidade sócio-econômico-política, cultural e ideológica; conhecimento atualizado e experiencial da Bíblia; fidelidade à Tradição e ao Magistério; visão da história da Igreja; vida de oração; ciências humanas que favoreçam de perto sua missão, como, por exemplo, psicologia, pedagogia, didática, comunicação (CR, n. 148).

De igual forma, o Diretório Nacional de Catequese, Doc 84, vai ressaltar em diversos trechos a importância da formação do catequista, em um deles cita: “Diante dessa grave missão, o

catequista precisa de sólida formação, humildade, senso de responsabilidade, espiritualidade e inserção na comunidade” (n. 148c). E vai dedicar um extenso capítulo 3 para tratar da formação de catequistas, tendo no parágrafo 254 uma descrição dos objetivos que esta formação deve atingir

- Favorecer a cada catequista o seu próprio crescimento e realização, acolhendo a proposta de Deus e sentindo-se pertencente a uma comunidade;
- Capacitar os catequistas como comunicadores e no uso adequado dos meios de comunicação a fim de que saibam transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade.
- Preparar os catequistas para desenvolver as tarefas de iniciação e de educação;
- Ajudar no amadurecimento da fé. Mostrar quem é Jesus Cristo: sua Vida, seu Ministério, e apresentar a fé cristã como seguimento de sua pessoa;
- Preparar animadores que atuem em diferentes níveis;
- Desenvolver uma educação da fé que ajude a fazer a inculturação da mensagem;
- Dar condições para que o trabalho dos catequistas desenvolva a dimensão ecumênica e o diálogo inter-religioso, com plena fidelidade à doutrina da Igreja.

Ainda neste capítulo, no parágrafo 255, atreladas aos objetivos apresentados, vão ser apontadas as finalidades da formação, pois o catequista bem formado capacita-se para:

- Comunicar e transmitir o Evangelho com convicção e autenticidade;
- Tornar-se um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, construtor do Reino de Deus;
- Assumir uma espiritualidade de identificação com Jesus Cristo, sustentada pelo testemunho, pela Palavra, pela Eucaristia e pela missão;
- Crescer de forma permanente na maturidade da fé;
- Engajar-se na comunidade eclesial e assumir a consciência de que é em nome da Igreja que transmite o Evangelho;
- Saber adaptar a mensagem às culturas, às idades e às situações sociais, culturais e existenciais;
- Assumir na catequese as dimensões da Palavra, da Memória e do Testemunho;
- Proporcionar o gosto pela Palavra de Deus e fazê-la ecoar e repercutir na vida da comunidade;
- Dialogar com outros cristãos, outras religiões e outras culturas.

Um outro documento do ano de 2020, também foi destinado a catequese: Diretório para a Catequese. E neste todo o capítulo 3 está dedicado a estabelecer critérios para a formação dos catequistas.

Na formação dos catequistas é necessário ter em conta alguns critérios que servem de inspiração para os projetos formativos. Uma vez que é necessário formar catequistas para a evangelização no mundo atual, será necessário harmonizar com sabedoria a atenção devida às pessoas e às verdades de fé, o

crescimento pessoal e a dimensão comunitária, o cuidado com as dinâmicas espirituais e a dedicação ao compromisso a favor do bem comum (DC, n.135).

Este Diretório vai considerar alguns aspectos específicos para esta formação: Espiritualidade missionária e evangelizadora; Catequese como formação integral; Estilo do acompanhamento; Coerência entre os estilos formativos; Perspectiva da capacidade de ensino e da autoformação; Dinâmica de laboratório no contexto de grupo, como prática formativa em que a fé se aprende fazendo.

Tendo como referência todas as explanações destes documentos a respeito da formação do catequista e construindo um paralelo com as tarefas fundamentais da catequese<sup>18</sup>, visto que esta formação não tem fim em si mesma, mas destina-se ao exercício do catequista, é possível considerar que a formação deve abranger cinco dimensões ou eixos fundamentais:

- O conhecimento da Palavra, da história e da doutrina da Igreja.
- A educação litúrgica e sacramental.
- O amadurecimento espiritual e moral.
- A formação científica-pedagógica.
- O testemunho na vida comunitária.

A clareza da necessidade de atendimento a estas dimensões é de grande importância para o sucesso da formação, pois esta não pode ser apenas tecnicista ou doutrinal, visto que a finalidade da catequese é também, e fundamentalmente, transcendente. Ela não pode ser pensada apenas como um agir humano, mas precisa estar sempre alicerçada na presença de Deus e ser nutrida pela sua graça.

A catequese, que é portanto pedagogia da fé em ato, ao realizar as suas tarefas, não pode deixar-se inspirar por considerações ideológicas, ou por interesses puramente humanos, não confunde o agir salvífico de Deus, que é pura graça, com o agir pedagógico do homem, nem tampouco os contrapõe e separa. É o diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa, que se torna sua inspiração e sua norma; dele, a catequese se torna “eco” incansável, buscando continuamente o diálogo com as pessoas, segundo as grandes indicações oferecidas pelo Magistério da Igreja. (DGC, n. 144)

Aqui podemos retomar o documento Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, que vai orientar que a formação deve ter o cuidado de não desenvolver somente a capacitação didática, metodológica e técnica do catequista, mas principalmente sua vivência pessoal e o desenvolvimento de sua maturidade humana e comunitária. Deve ser integral, considerando a diversidade das dimensões: humana, espiritual, teológica, pastoral, missionária.

---

<sup>18</sup> Diretório Geral para a Catequese, n.85 e 86

Ainda neste documento, é apresentado um arcabouço metodológico para a elaboração do “Itinerário Formativo para a Recepção do Ministério de Catequista”. Primeiro orienta que seja feita uma preparação diocesana, onde estabelece uma metodologia e conteúdos temáticos, para que cada Igreja local, com a sua Coordenação Diocesana da IVC, Conselhos de Pastoral e Clero, junto com as paróquias, construa o próprio plano formativo, considerando a sua realidade, estrutura e necessidades.

Com este plano diocesano devem ser elaborados dois Itinerários, um para catequistas já atuantes, e outro para iniciantes. O Documento recomenda que estes Itinerários tenham definidas suas etapas, cada uma com suas metodologias/ações e Conteúdos temáticos. Para os catequistas atuantes sugere três etapas: Preparação paroquial; Formação Ministerial; Preparação Próxima. Para os iniciantes recomenda-se cinco etapas: Chamado; Seguimento; Formação Ministerial básica; Formação Ministerial específica; Preparação próxima.

Em ambos Itinerários, orienta que após a recepção do Ministério de Catequista seja realizado um período de experiência com formação continuada, e que aconteça uma Celebração de renovação do Ministério depois de quatro anos.

Em sua conclusão, o documento demonstra que a Igreja do Brasil recebeu com entusiasmo a notícia da Instituição do Ministério de Catequista. E que ele apresenta um itinerário e critérios que irão orientar os primeiros passos desta nova etapa na história da Catequese no Brasil. Reconhecendo que estas serão enriquecidas com a experiência de tantos “catequistas que levam adiante a brilhante missão de promover a Iniciação à Vida Cristã, anunciando o Evangelho e testemunhando a graça do discipulado”<sup>19</sup>. E a gratidão de que em nosso tempo, marcado por tantos males, recebeu como dádiva esse Ministério, confirmando a importância e o valor do serviço da catequese para a vida da Igreja.

Neste ponto cabe ressaltar que toda a eleição, formação, estrutura, conteúdo, agir do catequista e realização da catequese tem que estar fundamentada e centrada em Cristo Jesus. A catequética autêntica deve ser inteiramente Cristocêntrica. É o que ilustrou o Santo Papa João Paulo II na *Catechesi Tradendae* no seu capítulo I:

Deseja-se acentuar, antes de mais nada, que no centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa: a Pessoa de Jesus de Nazaré, “Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade”<sup>20</sup>, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre. Este mesmo Jesus que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”<sup>21</sup>, e a vida cristã consiste em seguir a Cristo, “*sequela Christi*” (CT, n.5).

---

<sup>19</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Ed. CNBB, 2021, pág 35

<sup>20</sup> Jo. 1,14

<sup>21</sup> Jo. 14,6

Ainda usando o que expôs o Santo Padre, podemos considerar que o objeto essencial e primordial da catequese é “o Mistério de Cristo”. Catequizar é levar alguém a mergulhar neste Mistério em todas as suas dimensões, é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo “somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (n. 5). Assim, o cristocentrismo na catequese implica que não se transmite uma doutrina própria ou a de um mestre qualquer, mas os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que Ele comunica, ou, mais exatamente, a Verdade que Ele é.

Com isso, conscientes deste cristocentrismo e agora compreendendo a importância da catequese, podemos compreender e tornar nossas as palavras do Papa que defende com vigor o direito dos fiéis de receber com integridade a autêntica mensagem de Salvação:

Para ser perfeita a oblação da sua fé, aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm direito a receber a “palavra da fé” plena e integral, em todo o seu rigor e em todo o seu vigor; não mutilada, falsificada ou diminuída. Atraiçoar, seja em que for, a integridade da mensagem, é esvaziar perigosamente a própria catequese; é comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm direito a esperar dela. (CT, n. 30)

## **5 CONCLUSÃO**

Ponderando todos os conteúdos apresentados, podemos considerar que a Igreja entende e reconhece a importância que a catequese tem no cumprimento da sua missão e na construção do Reino. Isto é verificável nos vários documentos elaborados apenas nas últimas décadas. Podemos compreender também que este é um tema amplo e profundo que não é possível, nem se pretende, esgotar neste trabalho.

Com o olhar sobre a história verificamos que a Igreja sempre enfrentou desafios, perseguições, mudanças sociais e diversos males do mundo. Mas, fundamentada em Cristo, guiada pelo Espírito, com as graças do Pai, passou e passará pelos invernos e sempre sobreviverá e florescerá na história da salvação. No segundo capítulo foi possível verificar os diversos períodos de tribulações enfrentados pela Igreja e como se desenvolveu a catequese, observando que os momentos de crescimento da Igreja são acompanhados de tempos fortes de catequese.

Quanto a isso, o Santo Papa João Paulo II já reconheceu e apontou o lugar próprio que a catequese deve ocupar nos planos pastorais da Igreja:

Quanto mais a Igreja, a nível local ou universal, se mostrar capaz de dar prioridade à catequese - em relação a outras obras e iniciativas cujos resultados possam ser mais espectaculares - tanto mais encontrará na catequese o meio

para a consolidação da sua vida interna como comunidade de fiéis, bem como da sua actividade externa missionária. (CT, n. 15)

A conclusão do Diretório Geral para a Catequese declara algo que deve ser sempre lembrado por todos aqueles envolvidos no serviço catequético, que “a eficácia da catequese é e será sempre um dom de Deus, mediante a obra do Espírito do Pai e do Filho” (288).

Unido a este pensamento e recordando o ensinamento do apóstolo Paulo aos Coríntios, “Eu plantei; Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus, que dá o crescimento” (I Cor 3,6-7), percebemos esta total dependência que a catequese tem da intervenção de Deus. Não é possível realizar, nem a catequese, nem a evangelização, sem a ação de Deus, por meio do Seu Espírito. Nem as melhores técnicas pedagógicas ou ciências, nem o catequista mais cativante e habilidoso, podem sobreviver ou gerar frutos sem a ação silenciosa e discreta do Espírito Santo. É Ele o principal catequista; é Ele o “mestre interior” daqueles que crescem para o Senhor, Ele é “o princípio inspirador de todas as atividades catequéticas e daqueles que as realizam”<sup>22</sup>.

Olhando o tempo presente, com todas as suas complexidades, desordens e desafios, podemos dizer que o dom mais precioso que a Igreja pode oferecer ao mundo é o de formar cristãos firmes e humildemente felizes na sua fé. A autêntica catequese há de ser capaz de realizar isto. Pois só em Cristo todas as coisas podem ser renovadas.

Considerando o apresentado no capítulo terceiro, foi possível concluir também que não é possível realizar esta obra missionária sem o catequista, que estando aberto e buscando a graça, pode ser um frutificador dos dons do Espírito. Nenhuma metodologia, por melhor que seja, dispensa a pessoa do catequista em cada uma das fases do processo de catequese. Tendo o carisma dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um transparente testemunho de vida e comunidade, constituem a alma de todo autêntico método catequético. O catequista deve ser o mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, e dos sujeitos entre si e com a comunidade. Por isso, não pode permitir a existência de obstáculo ao caminho da fé, ao contrário, deve criar as condições mais apropriadas para que a mensagem cristã seja buscada, acolhida e aprofundada<sup>23</sup>.

Talvez, para que aconteça essa necessária renovação nos tempos presentes, o Espírito tenha inspirado o Papa Francisco para promover na Igreja a instituição do ministério do catequista. Ao menos podemos tomar o texto do documento Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério da Catequese que expressa a esperança e crença de que a Instituição do Ministério

---

<sup>22</sup> CIC 1211

<sup>23</sup> DGC 156

de Catequista será a oportunidade para reafirmar o quão sublime é o serviço do Catequista nas mais diversas localidades, onde realiza sua vocação missionária. E continua:

A Instituição do serviço catequético como ministério trará estabilidade para os que atuam neste trabalho pastoral, inspirará a consciência da seriedade desse serviço, garantirá uma formação permanente e adequada e atrairá a todos os que desejam, de alguma forma, comprometer-se com o Evangelho e com o seu anúncio<sup>24</sup>.

Por isto, neste capítulo, como desejado, pudemos verificar que a Igreja aponta alguns critérios práticos para a eleição dos catequistas que poderão receber a instituição deste ministério. Critérios estes que perpassam pela necessidade de ter conhecimento da fé e da doutrina, maturidade e equilíbrio emocional, espiritualidade que deseja a santidade, um olhar fraterno, um espírito de comunhão e ser um testemunho na comunidade. Foi compreendido também que a Igreja ao estabelecer critérios não pretende que seja um processo enrijecido, nem excludente, mas que objetivam a adequada seleção de pessoas que possuem as habilidades e dons necessários para desenvolver o papel de catequistas, e entende que estes podem e devem ser desenvolvidos no processo contínuo de formação. Só assim será possível a construção de uma catequese frutífera.

E justamente no capítulo quarto, foi explanado sobre o processo de formação. Verificamos que para acontecer essas transformações na evangelização e para gerar bons catequistas, se faz necessária a estruturação de uma boa formação, que deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática e técnica do catequista, mas também e principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo, a fim de que a sua atuação nunca esteja separada do seu testemunho de vida.

Foi demonstrado que as Igrejas locais, através do seu clero, devem ter presente a grande seriedade que se necessita possuir na escolha e na boa formação daqueles que irão exercer o papel de catequista. Atentemos para despertar a convicção de que a Igreja, ao realizar a sua missão de catequizar deve estar bem consciente de agir como instrumento vivo e dócil do Espírito Santo. Por isso, invocar incessantemente esse Espírito, estar em comunhão com Ele, esforçar-se por conhecer as suas autênticas inspirações, tem de ser a atitude da Igreja que ensina, bem como de todo e qualquer catequista e de todo cristão que em Igreja e em nome da Igreja se aplica a essa missão.

Portanto, diante do exposto, foram elucidadas as finalidades pretendidas nesta pesquisa, porquanto, foi compreendido o conceito de catequese como um processo de educação na fé, de anúncio, um caminho de evangelização para tornar Cristo conhecido. Ainda, com um olhar

---

<sup>24</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Ed. CNBB, 2021, p. 35

histórico verificamos como esse conceito se desenvolveu e vislumbramos os diversos desafios pelos quais passou a Igreja e como estes podem ser inspirações para enfrentar os atuais. Assim, constatamos que a Igreja desejosa de uma nova evangelização e consciente do papel da catequese, estabelece critérios para a eleição dos seus catequistas e orienta para a estruturação de um processo sólido de formação, conscientizando esses ministros de que este também deve ser um processo contínuo.

Vale ratificar, que este trabalho não encerra o assunto, mas pode ser usado pelas diversas paróquias que desejam iniciar um caminho de aprofundamento e renovação da catequese, e desenvolver um processo de eleição e preparação dos seus ministros.

Deste modo, despertos do nosso compromisso com Cristo e sua Igreja, queremos continuar caminhando com esperança, ao lado da Nossa Mãe e Mestra Maria Santíssima, como a Igreja jamais deixou de fazer. Confiantes na sua contínua intercessão, enfrentaremos os desafios, discernindo os sinais do Espírito que nos conduz por estradas antigas e novas. Que a Mãe de Jesus, que tanto ensinou por meio do serviço e do silêncio, possa ser o nosso exemplo de catequista, renovando nossa alegria e robustecendo nossa coragem, a fim de “que os desafios sejam apenas instrumentos por meio dos quais vamos crescer juntos, como Comunidades Eclesiais Missionárias, que têm a Palavra de Deus como fonte, a Eucaristia como sustento, a comunhão como ideal e o amor como identidade”<sup>25</sup>.

Por fim, tomamos as palavras finais do Santo Padre João Paulo II que encerram o Documento *Catechesi Tradendae* que soam como uma exortação, uma invocação do Espírito e uma bênção sobre a Igreja:

“Invoco, pois, sobre a Igreja catequizante, esse Espírito do Pai e do Filho e suplico-Lhe que renove na mesma Igreja o dinamismo catequético”.

---

<sup>25</sup> CNBB, Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista, Ed. CNBB, 2021, pág. 36

## REFERÊNCIAS

### FONTE

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulos, 2020.

### DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

**Catecismo da Igreja Católica.** Edição típica Vaticana, Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

CELAM. **Manual de Catequética.** São Paulo: Paulus, 2008.

Pp. FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** Brasília: CNBB, 2013.

Pp. FRANCISCO. **Carta apostólica *Antiquum Ministerium*.** Brasília: CNBB, 2021.

CNBB. **Catequese Renovada** (Documentos da CNBB 26). 36.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese** (Documentos da CNBB 84). 10.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã:** itinerário para formar discípulos missionários (Documentos da CNBB 107). 2.ed. Brasília: CNBB, 2020.

CNBB. **Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista.** Brasília: CNBB, 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, **Diretório Geral para a Catequese**, 1997. Disponível em:[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_17041998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html) . Acesso em 02 de março de 2024.

Pp. JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*:** sobre a Catequese no nosso tempo, 1979. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_16101979\\_catechesi-tradendae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html). Acesso em 18 de março de 2024.

Pp. JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***: Sobre a validade permanente do mandato missionário, 1990. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html). Acesso em 14 de fevereiro de 2024.

Pp. PAULO VI. **Decreto *Ad Gentes***: sobre a Atividade Missionária da Igreja, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html). Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

Pp. PAULO VI. **Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes***: Sobre A Igreja No Mundo Actual, 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em 25 de abril de 2024.

Pp. PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: Sobre a evangelização no mundo contemporâneo, 1975. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em 06 de março de 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.  
**Diretório para a Catequese**. Brasília: CNBB, 2020.

AUTORES

CARMO, Solange Maria. **Catequese no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2016.

CRISTINO, Horácio Coelho. **O “Catecismo” na história da Igreja**. Disponível em: [https://www.liturgia.pt/anodafe/O\\_Catecismo\\_na\\_historia\\_da\\_Igreja\\_II.pdf](https://www.liturgia.pt/anodafe/O_Catecismo_na_historia_da_Igreja_II.pdf). Acesso em 01 de junho de 2024